

**Poéticas fotográficas contemporâneas em tempos de pandemia:
um relato de experiência do projeto Interinidades**

*Contemporary photographic poetics in pandemic times:
a experience report of the Interinidades project*

Daniel MEIRINHO¹
Carmem FELIX²

Resumo

O artigo busca analisar estratégias narrativas das produções fotográficas do projeto “Interinidades: fotografias em tempos de descontinuidade e confinamento” @Interinidades, no Instagram. Desenvolvido entre 2020 e 2021, como parte das atividades de aprendizagem remotas, a proposta consiste em produções de diários-fotográficos realizados pelos alunos dos cursos de Publicidade, Jornalismo e Audiovisual, da UFRN. As imagens são resultados de exercícios visuais de representação sobre a desaceleração dos eventos e o alargamento das temporalidades, durante a pandemia de Covid-19. As poéticas visuais são analisadas à luz das discussões em torno das paisagens internas e externas; vidas íntimas e corpos performados; e narrativas da solidão e vestígios. O estudo parte de uma pesquisa qualitativa das intencionalidades em torno das representações visuais que demarcam a fotografia contemporânea enquanto suporte narrativo e linguagem artística para uma experiência pandêmica.

Palavras-chave: Fotografia contemporânea. Pandemia. Temporalidades. Interinidades.

Abstract

The article analyzes narrative strategies of the photographic productions of the project “Interinidades: photographs in times of discontinuity and confinement” @Interinidades, on Instagram. Developed between 2020 and 2021, as part of remote learning activities, the proposal consists of productions of photographic diaries carried out by students from the Advertising, Journalism and Audiovisual courses at the Federal UFRN. The images are results of visual representational exercises on the deceleration of events and the extension of temporalities during the Covid-19 pandemic. Visual poetics are analyzed in the light of discussions around internal and external landscapes; intimates lives and performed bodies; and narratives of loneliness and vestiges. The study starts from a qualitative research of the intentions around of visual representations that demarcate contemporary photography as a narrative support and artistic language for a pandemic experience.

Keywords: Contemporary Photography. Pandemic. Temporalities. Interinidades.

¹ Doutor em Comunicação Universidade Nova de Lisboa (FCSH/UNL). Professor do Programa de Pós-graduação em Estudos da Mídia (PPGEM - UFRN). Líder do Grupo de Pesquisa VISU - Laboratório de Práticas e Poéticas Visuais. E-mail. danielmeirinho@hotmail.com

² Graduanda do curso de Audiovisual (UFRN). Técnica em Multimídia pelo IFRN. Membro do VISU - Laboratório de Práticas e Poéticas Visuais (UFRN). E-mail: carmem.felix.s@hotmail.com

Introdução

Os meses de confinamento e distanciamento social gerados pelos impactos da pandemia de Covid-19, desde março de 2020, tem reconfigurado as formas contemporâneas de produção e percepção de visualidades, em toda a potencialidade metafórica e de representação artística, documental e expressiva (SCHNEIDER e BENIA, 2020; LEITÃO, 2020). Assim, as imagens que atuam diretamente na interpretação e percepção de elementos visíveis e invisíveis passaram a compor nosso imaginário em torno de paisagens reconfiguradas (KUSTER, 2009) da realidade. Espaços internos, externos, assim como os elementos simbólicos da morte, da saúde, dos contextos urbanos, dos eventos, como a vacinação, acabam modulando sentidos, experiências estéticas e significados durante a pandemia.

O medo do contágio e a restrição com os espaços externos provocaram no regime de representação visual novas práticas expressivas e de produção, que passam a priorizar imagens domésticas, do convívio, das interioridades e dos ambientes internos. O confinamento, provocado pelo esvaziamento e quietude das ruas, das cidades e dos espaços públicos produziram visibilidades a partir de uma lógica vestigial (JANZ, 2012), muito explorada e reconhecida na representação fotográfica contemporânea dos desastres, dos conflitos armados e das representações da intimidade (COTTON, 2010). Imagens das más conduções políticas e consequências humanas que nos apresentaram a tensão das paisagens de confronto com a noção de dignidade humana (KUSTER, 2009).

Os novos paradigmas temporais impostos pela pandemia, assim como os arranjos estéticos e narrativos visuais trazido pelo isolamento social, estão no centro da proposição do projeto de ensino *Interinidades: fotografias em tempos de descontinuidade e confinamento*³. A ação-extensionista realizada nos semestres de ensino remoto 2020.2 e 2021.1 possibilitou durante um ano que os alunos dos cursos de Jornalismo, Publicidade e Propaganda e Audiovisual, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) realizassem exercícios de produção visual como parte atividades de ensino no formato remoto nas disciplinas de fotografia ofertadas pelo Departamento de Comunicação Social – DECOM/UFRN.

³ Ver perfil do projeto em <https://www.instagram.com/interinidades>

Este artigo propõe examinar as estratégias e intencionalidades que demarcam de forma reiterada e frequente as produções fotográficas dos alunos sobre a temporalidade em suspensão. Para esta análise, privilegiamos eixos temáticos que circundam a fotografia como arte contemporânea (COTTON, 2010; POIVERT, 2015) e suas relações expressivas, comunicativas e artísticas pandêmicas. Há aqui uma aposta hipotética de que existiram estratégias de representação e de recorte temático sobre o tempo em descontinuidade e confinamento a partir da fotografia contemporânea. Para isso, se fez necessário ver a temporalidade como esse lugar da experiência estética, para pensá-la na sua relação com a fotografia na pandemia (LYNTERIS, 2016).

Foram assim selecionadas para apresentação e análise neste artigo 12 fotografias durante o período de um ano, sendo representativas do total de 1.037 produzidas e postadas no Instagram do projeto *Interinidades*. Esse recorte das imagens apresentadas mais a frente são formas ilustrativas de justificar os padrões temáticos mais abordados nas fotografias, e não sobre uma análise estética ou semiótica destas imagens. As análises foram realizadas a partir de um conjunto três categorias estéticas encontradas de forma frequente e reiterada do total das narrativas visuais, com base nos aspectos temáticos da fotografia como arte contemporânea propostos por Charlotte Cotton (2010), sendo elas: *1- paisagens internas e externas; 2- vida íntima e corpos performados; 3 - narrativas da solidão e vestígios.*

A narrativas fotográficas e artísticas na pandemia

Desde sua invenção até sua alargada acessibilidade, a fotografia tem sido tratada popularmente e percebida umas vezes como uma janela que observa o mundo tal qual ele se apresenta, outras vezes como um espelho que refrata uma realidade (BARTHES, 1984; BAUDRILLARD, 1995; SONTAG, 1986). Muitos debates abordam a sua veracidade, sendo compreendida como um moderno formato de enquadrar as diversas percepções do mundo real (BAUDRILLARD, 1995). Contudo, a variedade de linguagens e usos da fotografia são responsáveis pela multiplicação de suas funções, desde a sua atuação no campo do registro documental (LEDO, 1998), midiático (GONÇALVES, 2013) bem como expressivo artístico (ROUILLÉ, 2009).

É uma tarefa quase impossível compreender o imaginário social coletivo (FLUSSER, 1985) sem tencionarmos a lógica representacional, indicial e icônica de representação e formas de apresentação do real. Se para Victa de Carvalho (2011) a

contemporaneidade nos apresenta “realidades paradoxais e indiscerníveis, fora de uma lógica temporal linear e sucessiva, que embaralha noções convencionais” (2001, p. 200-201) e representação, a mistura deste paradoxo temporal tem dificultado como nomeamos e classificamos a realidade.

Mas como as estratégias narrativas fotográficas têm se articulado para representar a experiência de temporalidade, de distanciamento social e de confinamentos na pandemia? Diversas autoras têm abordado a fotografia pandêmica a partir de diferentes perspectivas, abordagens e linguagem, como a fotojornalística (SCHNEIDER e BENIA, 2020), da ação educativa (LEITÃO, 2020) e ainda do registro histórico⁴ (LYNTERIS, 2016). O realismo inaugurado pela imagem fotográfica, enquanto estatuto de presença e documento, tem a tornado uma linguagem fundamental para compreendermos como os acontecimentos históricos, como a pandemia, tem influência nas experiências pessoais e coletivas, de forma global.

Com a pandemia de Covid-19 no Brasil a estética da fotografia pandêmica torna-se realidade novamente (SCHNEIDER e BENIA, 2020). Nos deparamos com imagens responsáveis por decodificar uma dimensão cultural da existência no contexto de crise sanitária. Imagens de enterros em grande escala, de vacinação, de pessoas usando máscaras, de caixões enfileirados, hospitais lotados, distribuíram-se pelas telas dos portais de notícias pelas redes sociais digitais. Nos interpela ainda interpretações que evidenciam o contexto necropolítico (MBEMBE, 2018) por traz de governos com atitudes negacionistas.

As paisagens externas, amplas e silenciosas, retratadas pelo fotojornalismo praticado pelos diversos veículos de comunicação e perfis de compartilhamento de imagens no Instagram como o *@covidphotobrazil*⁵ ou o *@covidlatam*⁶ (SCHNEIDER e BENIA, 2020), estavam repletas de elementos simbólicos ligados à morte.

O impacto da pandemia de Covid-19 na fotografia, artes visuais e na cultura tiveram consequências em diversos artistas e espaços culturais, museus e galerias com suas programações suspensas. Contudo, as paralisações passaram a ser causadoras de iniciativas artísticas de caráter solidário, desde projeções nas fachadas dos edifícios por

⁴ As primeiras fotografias da epidemia de peste bubônica foram publicadas em 1890, em jornais de caráter informativo e preventivo, denunciando a violenta realidade imperialista. Cenas de fumigação e vacinação ganharam valor simbólico (LYNTERIS, 2016).

⁵ Ver em <https://www.instagram.com/covidphotobrazil>

⁶ Ver em <https://www.instagram.com/covidlatam>

coletivos de artistas ativistas, às exposições virtuais, debates online, performances, espetáculos teatrais, musicais e festivais de arte e cinema na internet.

Assim, fotógrafos, artistas visuais e perfis anônimos passaram a ocupar as narrativas das redes sociais digitais com paisagens internas do quarto, do interior das casas, das pessoas vivenciando seus confinamentos e solidões e das intimidades psíquicas que vivenciavam. Enquanto os jornais apresentavam uma estética do silenciamento e da quietude dos espaços públicos urbanos, a internet e as redes sociais digitais construíram uma galeria quase *voyerista*, que olhava para o outro, em isolamento. Os autorretratos e narrativas visuais de si, bastante comuns nas redes sociais visuais, passam a jogar com a experiências estética característica da figuração e fabulação, que rompe a barreira reducionista da representação mimética e verossímil do real (MEIRINHO, 2010).

A imagem definiu muitas das relações durante o isolamento pandêmico, desde as suas diversas formas de circulação nas redes digitais, *lives*, aulas online, exposições virtuais, entre outras experiências com a visualidade. As representações têm sido, mais do que nunca, nossa forma de interação com o mundo, mediando as relações afetivas, emocionais, profissionais e informativas. As redes sociais na pandemia possibilitaram que as ações voyeuristas e exibicionistas fossem percebidas como complementares não apenas àqueles que queriam ser observadores, mas que também agora tinham a necessidade de se mostrar. Os diários fotográficos de confinamento converteram-se em lugares comuns de nossa experiência em isolamento, se transformando em referenciais de presença e de interação. O confinamento desvelou esse impacto de representação imagética no que se percebe dos registros visuais privados, compartilhados nas redes sociais, como explorados pelos espaços institucionais de arte e cultura como os festivais⁷ de fotografia, realizados em 2020 e 2021, pelos eventos culturais, galerias de arte, museus e editais de cultura por todo o país⁸.

O universo virtual reconfigurou-se nas formas de circulação da produção artística no mundo, proporcionando uma grande repercussão e interação desta produção com o público. Assim, os diários fotográficos passaram a apresentar uma outra paisagem visual,

⁷ O festival de fotografia *Foto Em Pauta* (MG), o, em sua comemoração lançou o projeto “Por Dentro de Um Tempo Suspenso” em parceria com os festivais *FotoRio* (RJ), *Solar Foto Festival* (CE) e *DOC Galeria* (SP), recebendo mais de 14 mil fotos de quase dois mil fotógrafos e artistas visuais de todos os estados do Brasil.

⁸ Com a finalidade de movimentar a produção artística e cultural em tempos de pandemia o Itaú Cultural (IC) em 2020 o edital do “Arte como Respiro: Múltiplos Editais de Emergência”, bem como diversos fundos de cultura estaduais e municipais em todo território nacional.

a partir de narrativas internas e íntimas, postadas nas redes sociais em iniciativas como o *Covid Art Museum*⁹, o *Museu do Isolamento*¹⁰, o *Covid Photo Diaries*¹¹, o projeto *Imago*¹², o *Everyday Brazil*¹³, entre muitos outros.

A vida íntima e doméstica e a iconografia dos cômodos das casas, das vistas das janelas, dos corpos performáticos posicionou cenários e estratégias visuais contemporâneas com características estéticas contemporâneo da experiência artística (RANGER; SLACK, 1995, apud SCHNEIDER e BENIA, 2020). Os cenários passaram a estar ocupados por uma grande dimensão emocional e afetiva que o isolamento provocou a partir da tristeza, do tédio e da solidão. Eram exercícios expressivos que buscaram desvendar uma sequência manifestações subjetivas que envolveram a vida emocional dos indivíduos neste momento de pandemia.

O projeto interinidades

A experiência de ensino remoto nas disciplinas práticas, especialmente visuais, nos cursos de artes e comunicação marcam um grande desafio em todos os níveis de ensino. Com a pandemia, as universidades tiveram que mobilizar formas para o desenvolvimento de atividades no ensino remoto (ARRUDA, 2020), que originou o sistema de aulas virtuais. Para os docentes e alunos, surgiram as dificuldades em volta da saúde, das condições de confinamento e das desigualdades de acesso à tecnologia, “revelando uma realidade complexa e cheia de incertezas” (MARTINS e SILVA, 2020, p.6).

A reconfiguração dos espaços de aprendizagem obrigou docentes e alunos a ajustarem os formato das aulas, a aplicação dos conteúdos e das atividades on-line para que os exercícios *off-line* pudessem ser aplicados e ministrados. As discussões, orientações e avaliações estavam a ser desenvolvidas em um ambiente confuso, distante e pouco intuitivo na compreensão dos vínculos existentes entre os docentes e discentes.

⁹ Ver em <https://www.instagram.com/covidartmuseum>

¹⁰ Ver em <https://www.instagram.com/museudoisolamento>

¹¹ Ver em <https://www.instagram.com/covidphotodiaries>

¹² Ver em https://www.instagram.com/imago_projeto

¹³ Ver em <https://www.instagram.com/everydaybrasil>

O projeto *Interinidades* foi uma tentativa de reconfigurar o ensino para o formato remoto disciplinas de Introdução à Fotografia e Linguagem Fotográfica. Foi delicado no período remoto 2020.6¹⁴ e continuou em 2021, com o semestre 2020.2, contando com o envolvimento total de 117 estudantes dos cursos de Comunicação Social (Jornalismo, Audiovisual e Publicidade e Propaganda) da UFRN.

O nome do projeto faz alusão ao sistema burocrático do cargo que deveria ser provisório, mas passa por um determinado tempo em descontinuidade, sem um prazo específico, que afeta cada sujeito de forma distinta. Da impossibilidade de captar o tempo, até fazê-lo parar, progredir, silenciar e expandir até se tornar permanente.

A proposta possibilitou dentro das disciplinas de fotografia, que são majoritariamente práticas e laboratoriais, um exercício de experimentação com fotografia sobre o tempo e as temporalidades. Cada aluno representou fotograficamente suas vivências durante o período de isolamento, a partir das possibilidades expressivas e de uso criativo das técnicas fotográficas que buscam se aproximar dos paradigmas da linguagem fotográfica expandida, proposta por Rubens Fernandes (2006).

O momento necessitava que referenciais estéticos fotográficos exigidos ao fotógrafo e produtor visual para “enquadrar” suas representações de mundo e paisagens na pandemia, fossem trabalhados a partir da aquisição de habilidades e competências dos alunos. O que estava provavelmente fora do plano ganhava aos poucos o interesse imaginativo dos estudantes ao percorrer novas experiências interpretativas além do quadro fotográfico, essencialmente produzido pelos smartphones.

Como parte das atividades avaliativas, cada aluno produziu quinzenalmente de uma a cinco fotografias para serem postadas diariamente no perfil do Instagram do projeto. Cada obra ou série fotográfica consistia de um título, nome do autor e descrição da imagem para pessoas que têm deficiência visual, como proposta de acessibilidade, com as hastags #PraCegoVer #PraTodosVerem.

Durante um ano, foram postadas no perfil do projeto *Interinidade* 495 publicações, somando 1.037 fotografias¹⁵. Os 159 seguidores compartilharam, comentaram e se engajaram em uma exposição virtual contínua que reuniu a produção de cerca de 117

¹⁴ Com o intuito de estabelecer medidas preventivas ao coronavírus (Covid-19) a UFRN suspendeu, em caráter excepcional e por prazo indeterminado, as aulas presenciais e eventos acadêmicos a partir da Portaria 53/2020, de 17 de março de 2020, configurando um novo calendário acadêmico que estabeleceu o semestre 2020.6, realizado entre setembro e dezembro de 2020 e o semestre 2020.2, realizado entre janeiro e abril de 2021.

¹⁵ Dados de 30 de abril de 2021.

estudantes. As imagens, a partir de suas vivências na quarentena, nos apresentam paradigmas temporais que surgiram nesta relação pandêmica de espaço-tempo. O vocabulário visual percebido nas imagens é resultante da produção fotográfica íntima dos participantes e dos ambiente que viviam, em uma espécie de mapeamento visual e performático dos espaços, corpos e vestígios.

As imagens apresentavam ações performáticas auto-referenciais e auto-incritas a partir de fotografias de janelas, quartos, espaços domésticos, álbuns de família, narrativas íntimas, de ausência e solidão. Diversos objetos simbólicos como os telefones, computadores, cadernos, símbolos religiosos, animais de estimação, produtos de limpeza e higienização foram fotografados na tentativa de apresentar vestígios da pandemia no ambiente.

A experiência temporal na fotografia contemporânea: um recorte metodológico

Analisando os diários-fotográficos do projeto *Interinidades*, nota-se como os olhares operaram diante da imersão de uma experiência visual nova. Uma iconografia com características narrativas repetitivas demarcou e posicionou, corpos, cenários e elementos nos ajudando a compreender como a temporalidade foi representada pelos alunos. Suas estratégias expressivas fotográficas foram conjugadas em três categorias de representação da pandemia, sobre o recorte do tempo (SCHNEIDER e BENIA, 2020): *1- paisagens internas e externas; 2- vida íntima e corpos performados; 3- narrativas da solidão e vestígios*. As escolhas visuais se referem as categorias temáticas da fotografia contemporânea, elaboradas por Cotton (2010), estudadas a partir de uma narrativa visual frequente nas produções fotográfica pandêmicas dos alunos.

Para a curadora e escritora Charlotte Cotton (2010), a produção fotográfica contemporânea tem aberto outros vínculos de visibilidade que vão além do comunicativo, para uma visibilidade vinculativa de como vemos as coisas. A imagem contemporânea se contrapõe ou questiona uma proposta de “arte retiniana” em que Marcel Duchamp chamou como aquela que agrada à vista. Cotton (2010) apresenta em seu livro um panorama de cerca de 250 fotógrafos contemporâneos, dividindo os capítulos em oito categorias que seria os motivos condutores que fazem da fotografia artística contemporânea não um recorte estético ou estilístico, mas como um conjunto de temáticas. Se isto é arte; Era uma vez; Inexpressivas; Alguma coisa e nada; Vida íntima; Momentos da história; Revivido e refeito; e Físico e material; estão entre as categorias

que, para Cotton (2010), afastaram a fotografia da ideia de gênero fotográfico. A vontade de romper com as práticas normativas e instituir um jogo, por vezes poético, crítico, ou fabulatório, faz a fotografia contemporânea descolar a representação do objeto, em um “momento de uma história comum à arte e a à fotografia” (POIVERT, 2015, p. 136).

O modo de disposição dos registros em galeria virtual do projeto *Interinidades* permitiu uma compreensão dos pontos convergência e agrupamento das imagens, com base em três categorias criadas a partir das motivações apresentadas por Charlotte Cotton (2010). Neste momento da pesquisa é importante apontar que em quase todas as categorias não existe um isolamento de definição analítica, pois algumas das fotografias produzidas e estudadas podem habitar e ser encaixadas em outras categorias, em uma ampla intersecção. Faz-se necessário esclarecer que para título de entendimento a categorização das imagens não às restringe apenas as que estão classificadas e foram apresentadas de forma ilustrativa em cada categoria, mas serve à este trabalho como uma tentativa de exemplificar a frequência das categorias em que as produções fotográficas do projeto *Interinidades* se encontram inseridas e analisadas.

Paisagens internas e externas

As paisagens foram amplamente representada nas fotografias dos alunos para o projeto *Interinidades*. Podem ser percebidas como uma forma de compreender a o impacto do questionamento da presença e ausência de objetos e corpos nos espaços internos e externos, na pandemia. Percebemos o valor representacional da paisagem desde a pintura, até as artes visuais na contemporaneidade (ARÁN PELLEGRINO, 2019). As imagens fotográficas foram investidas de observação direta dos espaços e seus elementos pelos alunos na tentativa de identificar e interpretar os objetos visíveis e invisíveis que os conectam com os elementos que envolvem as paisagens internas e externas (KUSTER, 2009).

Assim como a pintura, a fotografia permanece profundamente ligada a paisagem, sendo perceptível ver nas imagens produzidas pelos alunos códigos pictóricos presentes nas artes visuais e reformulados pela técnica fotográfica da “fotografia direta”¹⁶ e de viés

¹⁶ O conceito de *straight photography* (fotografia direta, pura) caracteriza uma vertente da fotografia moderna, no início do século XX nos EUA e que relacionada imagens com grandes profundidade de campo e nitidez, influenciando artistas como Alfred Stieglitz e Ansel Adams na concretização da fotografia enquanto arte pura.

documental (OLIVER, 2013). As pessoas presentes nas fotografias do projeto *Interinidades* carregam um novo olhar conceitual sobre o entorno físico e conceitual doméstico e o vazio das representações urbanas (Figura 4). O corpo surge com ênfase nas novas sociabilidades e ocupações urbanas em transformação pela pandemia (Figura 3). O olhar passa a estar direcionado aos espaços íntimos e privados da casa em contraste com a quietude visual e silenciosa da lógica vestigial do esvaziamento das ruas, típico da fotografia de pandemia (SCHNEIDER e BENIA, 2020; LYNTERIS, 2016).

Figura 1: Discutindo Relação Foto: Gabriel Cordeiro



Figura 2: Bom dia? Foto: Clayton Lima Freitas



Figura 3: Pessoas que precisam de pessoas. Foto: Antônio Marcos

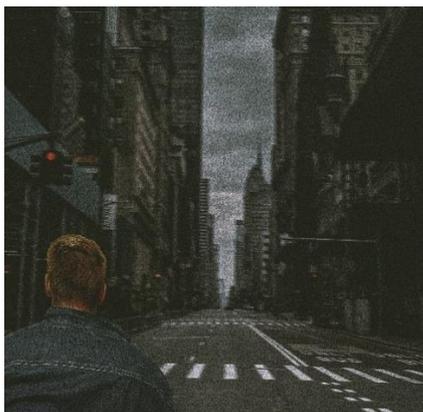


Figura 4: Tempo, tempo, tempo... Fotos: Ana Beatriz Dantas



Fonte: Projeto Interinidades

Alguns alunos exploram a fusão do corpo, através do autorretrato, com a paisagem (Figura 1 e 2) em uma relação de representação que investiga uma percepção visual do inconsciente e dos efeitos emocionais do confinamento e da pandemia na coletividade. Os sentimentos corriqueiros das rotinas pandêmicas são apresentados por meio da auto-representação (Figuras 1 e 2). As sensações de frustração, cansaço ou solidão são introduzidas por meio das expressões corporais que se potencializam ao estarem inseridas

nas paisagens internas dos ambientes domésticos, que se tornaram os principais espaços ocupados durante o isolamento social.

Algumas proposições (Figura 3 e 4) de paisagens fictícias criticam a noção documental da verdade absoluta inerente a ontologia fotográfica, através de intervenções híbridas, de manipulação fotográfica das imagens digitais e de arquivos, criando novas paisagens e temporalidades fabulatórias. Para além da sensação de recolhimento gerada pelas novas formas de interação, a relação com a rua também passa por ressignificações, quando alguns alunos recriam paisagens externas através de intervenções gráficas. Uma síntese de realidade e ficção que expressa a alteração do olhar sobre um espaço anteriormente comum e analisado por uma perspectiva contemplativa (Figuras 3 e 4).

Assim, as fotografias deixam de ser apenas representações de espaços e ambientes para tornarem-se realidades “re-fabricadas”, que não só nos contam sobre as paisagens e as pessoas observadas, mas nos convidam a refletir sobre o mundo real e a nossa experiência temporal em descontinuidade. São exercícios de enfrentamento da nossa fragilidade que nos confronta a tentar distinguir o imaginário e o real.

Vida íntima e corpos performados

Cotton (2010) observa como a fotografia íntima assimila a linguagem doméstica e cotidiana para uma exposição pública, geralmente com uma dimensão emocional: tristeza, discórdia, doenças, violências e abusos. E sugere que, nesse tipo de fotografia, uma estética amadora e despreocupada remonta as fotografias familiares, sendo os erros comuns de enquadramentos e composições uma forma de linguagem, por meio da qual as vivências íntimas são comunicadas ao observador.

As limitações do isolamento social proporcionaram muito fotógrafos a experimentarem diários-fotográficos, em uma tentativa de explorar outras formas de registro, que não a habitual documentação, externa, da rua e do cotidiano e dos espaços públicos. Muitas das imagens produzidos pelos alunos do projeto *Interinidades* têm o foco nas narrativas da vida privada (COTTON, 2010), assim como nas relações emocionais e psicológicas que envolvem os alunos/fotógrafos em uma produção autorreferente. São experiências estéticas que nos redireciona para a fotografia doméstica de exposição pública. As imagens falam da intimidade dos fotógrafos. Os momentos simbólicos da vida familiar são apresentados sem filtros de limites e preceitos.

Como a artista Eliane Chiron diz que “a arte se concebe no íntimo da solidão, mas esta somente adquire sua plena existência quando exposta em público” (REY e CHIRON, 2017 p.2), as fotografias produzidas para o projeto *Interinidade* emergem da fusão dos conceitos de íntimos, em uma espécie de conexão estabelecida entre lugares de intimidades comuns. Num primeiro momento as imagens parecem denotar vivências e histórias pessoais, mas a intimidade pode ser percebida nas fotografias como uma relação de envolvimento e afinidades possíveis entre o aluno/fotógrafo, a imagem e o observador.

A força das fotografias de performance denota uma necessidade dos alunos afirmarem biograficamente o corpo como suporte simbólico que externaliza os efeitos da imobilidade (Figuras 7 e 8). Nos autorretratos, o corpo passa a ser instrumento de comunicação e representação de si e dos outros (Figura 5 e 6). Os efeitos da suspensão temporal estão marcados por esta estética de paralização e pelo processo de criação que vai além do momento do disparo. Os sentimentos de vazio e solidão comunicam com um momento contemplativo e poderoso de presença.

Figura 5: O que vem depois de lavar? Foto: Bianca Peninga

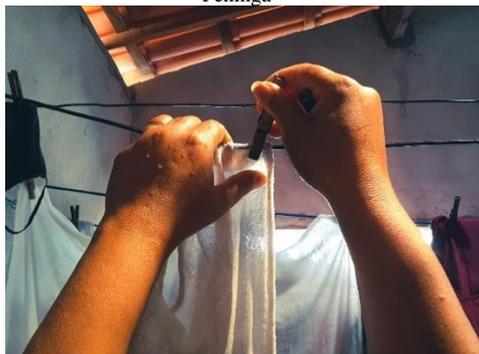


Figura 6: Solidão Compartilhada Foto: Guarabira Dias



Figura 7: Fly Away Foto: Felipe Ataliba



Figura 8: O peso do que não fomos Foto: Lorena Santiago



Fonte: Projeto Interinidades

A visibilidade de experiências particulares (Figuras 5 e 6) comunicam o direcionamento do olhar para cenas que são vivenciadas pelos alunos fotógrafos. Ao escolherem expor a realidade do âmbito privado, como estender roupas e cozinhar, são feitas ações intencionais representativas de cenas domésticas que dificilmente eram expostas nas redes sociais digitais, evidenciando o registro da própria vivência como possibilidade de expressão das vivências pessoais. São condicionalidades de interpretação do registro que ultrapassam o aspecto meramente contemplativo.

São formas de entender o *eu* diante da adversidade do entorno (Figuras 7 e 8), como busca pela totalidade de si ou da expressão sentimental. A encenação de peso e cansaço pelo posicionamento corporal dos fotógrafos/personagens marcam a construção em comum do corpo como um instrumento de comunicação que possibilita reflexões além do realismo.

Narrativas da solidão e vestígios

A sensação de vazio e de aglomeração também se manifestou com frequência nas imagens fotográficas do projeto *Interinidades*. A representação de pessoas isoladas nos cenários amplos das cidades desempenha a função referencial da proporção que a pandemia impõe à sociedade (SCHNEIDER e BENIA, 2020). Os cenários ocupados e a presença estática de pessoas sozinhas, ou aglomeradas nos ambientes, denotam múltiplas sensações de incredulidade e consternação, vivenciadas durante o isolamento pandêmico. Os vínculos com os sentimentos de solidão e os vestígios do vazio (Figuras 9, 10, 11 e 12) reforçam a sensação melancólica de isolamento, convergindo as representações às chaves de compreensão dos efeitos da pandemia nas pessoas.

O vazio e a solidão são explorados em diversas fotografias com o enfoque sobre o tempo, como resposta emocional ao isolamento físico e ausência afetiva das pessoas. A ansiedade a tristeza passaram a ser representadas pela quietude e lentidão com que o tempo é dimensionado e vivenciado. São exercícios imaginativos de contemplação onde a arte e as imagens figuram na contemporaneidade da pandemia novas possibilidades de perceber e experienciar o cotidiano (CARVALHO, 2011).

Figura 9: Grades, Molduras e Esquadros Foto: Muhammed Hochay



Figura 10: Medianeiras Foto: Marcelo Fiuza



Figura 11: Hora da saída Foto: Luiza Soares



Figura 12: Ser criança em tempos de pandemia Foto: Gilvanise Oliveira



Fonte: Projeto Interinidades

O debate artístico proporcionado pelo artista norte-americano Edward Hopper (1882-1967), dão continuidade nas representações realistas da solidão na contemporaneidade, através de paisagens urbanas vazias e personagens isolados. Quase sete décadas depois, as estratégias visuais do pintor norte-americano ressurgem nos enquadramentos das fotografias nos quais a solidão, o vazio e o silêncio são expressados de forma singular, mas ao mesmo tempo de uma representação coletiva (Figura 9 e 10). São imagens testemunhais de momentos distópicos que vivenciamos, expondo os traumas dos olhares e seus protagonistas. As fotografias atribuem um sentido de pausa e monotonia do momento pessoal narrado pelos fotógrafos, manifestado através das cenas de pessoas solitárias que se misturam com o ambiente. O estado de espera e quietude se refletem no desaceleramento do olhar para algo que se ignora e agora necessita ser apreciado.

Com o esvaziamento das ruas, os acontecimentos domésticos recebem maior atenção. Assim o espaço domiciliar ganhou um potencial de visibilidade que em outras situações passaria despercebido. Dentre eles, os vestígios humanos representados através de objetos deixados ou esquecidos no ambiente que passaram a ocupar os planos

fotográficos evidenciando o mundo ao nosso redor (Figura 12). Os elementos visuais e simbólicos retratados por objetos são gatilhos para o imaginário a partir de novos ordenamentos e posicionamentos das coisas que nos rodeiam no dia a dia do confinamento e isolamento social.

Os vestígios (JANZ, 2012), são parte comum do cotidiano na fotografia artística contemporânea. Ao entrarem para o nosso campo de visão as imagens do projeto *Interinidades* estabelecem vínculos com o imaginário sobre o que esses objetos representam ou quais histórias estão por trás deles. São imagens de objetos comuns e improváveis, num território lúdico e banal, empilhados e em escalas conceituais que encoraja uma curiosidade sutil e imaginativa de contemplar coisas e ambientes que, de repente, passaram a fazer parte de nossos cotidianos.

A ausência de uma ação definida (Figuras 9 e 10) é marcada por personagens em estado de contemplação, inseridos em espaços vazios. As imagens constituem um protagonismo entre ambiente e sujeito, que através da retratação de imobilidade e solidão presentes no tédio ou na ansiedade do cotidiano pandêmico transmite a sensação de silêncio. A mistura de objetos pessoais com itens de prevenção como máscara, álcool em gel (Figura 11), chuteira e bolas guardadas (Figura 12) convidam a ingressar dentro de rotinas pessoais pela representação da vivência através dos vestígios. Levando quais as mudanças causadas pelo confinamento.

Considerações finais

Historicamente a fotografia pandêmica é marcada por características do fotojornalismo (LYNTERIS, 2016; SCHNEIDER e BENIA, 2020), considerado um importante recurso de preservação da memória histórica, ainda que represente um fragmento do tempo e do espaço. Para além da representação documental já observada nos materiais de imprensa ao longo dos anos, analisamos com as imagens do projeto *Interinidades* tem reconfigurado as paisagens internas, externas, íntimas e domésticas que circulam nas redes sociais digitais no contexto pandêmico.

Observar as produção fotográficas dos alunos do projeto *Interinidades* nos permite compreender as mudanças das estratégias de representação e visibilidade que estabelecem um suporte narrativo da linguagem artística contemporânea sobre a pandemia. A necessidade de reconfiguração do olhar possibilitou aos alunos/fotógrafos exercícios de re-fabricação de realidades e de relações de intimidade. O texto apresenta uma proposta

de articulação conceitual e prática educativa do ensino da fotografia, considerada laboratorial, a partir das produções imagéticas, cotidianas e acadêmicas do contemporâneo, tanto no universo das artes como no da comunicação, com ênfase nas mídias sociais digitais. As práticas das “narrativas de si” tem sido uma recorrente prática estética nas mídias sociais digitais, como o Instagram, aproximando os modos de expressividade fotográficas das situação de confinamento com essa linguagem.

Constatou-se que a hipótese inicial é confirmada através da frequência de temáticas e características narrativas que denotam similaridade na representação da descontinuidade do tempo e confinamento. As fotografias do *Interinidades* constituem enredos que apesar da individualidade nas composições se interligam nas estratégias de representação imagética. O enfoque do não-acontecimento é marcado pela ausência do momento decisivo, priorizando cenas triviais do cotidiano, com poucos elementos para distração do observador. Através das paisagens visuais internas e externas, dos autorretratos performados, vestígios de solidão e vazio, os alunos experimentaram estratégias expressivas com a linguagem fotográfica, através dos enquadramentos que variam entre planos fechados e abertos, na alternância das cenas, com possibilidades de jogar com uma gramática visual e seus códigos narrativos.

As composições imagéticas aqui analisadas rompem com a predominância do documental, consolidada nas fotografias pandêmicas, gerando uma nova forma de pensar os impactos das crises sanitárias na temporalidade coletiva. Além de repensar o ensino da fotografia como uma poderosa ferramenta expressiva conectada aos contextos históricos e posturas contemporâneas de expresividade.

Referências

ARÁN PELLEGRINO, A. I. A paisagem na Fotografia Contemporânea: Através da Camera Obscura de Abelardo Morell. **Dissertação de Mestrado em Comunicação e Artes**, Universidade Nova de Lisboa, 2019.

BARTHES, R. **A câmara clara: nota sobre a fotografia**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

BAUDRILLARD, J. **A sociedade de consumo**. Lisboa: Edições 70, 1995.

CARVALHO, V. Cotidiano e experiência na fotografia contemporânea. **Em Questão**, v. 17, n. 1, p. 195-209, 2011.

COTTON, C. **A fotografia como arte contemporânea**. WMF Martins Fontes, 2010.

- DINIZ, A. C. **Memória e narrativa na arte-fotografia:** uma análise do ensaio “Bloco de Notas”, de Breno Rotatori. Intercom, 2011.
- FERNANDES, R. Processos de criação na fotografia. **Revista FACOM**, n. 16, p. 10-19, 2006.
- FLUSSER, V. **Filosofia da caixa preta.** São Paulo: Hucitec, 1985.
- GONÇALVES, O. **Estética da fotografia:** um diálogo entre Benjamin e Flusser. *Flusser Studies*, n. 15, 2013.
- JANZ, Rolf-Peter. Ausente e presente. Sobre o paradoxo da aura e do vestígio. In:
- KUSTER, H. **Petite histoire du paysage.** (ESSAI). Circé. 2009.
- LEDO, M. **Documentalismo fotográfico:** êxodos e identidade. Madrid: Ediciones Cátedra, 1998.
- LEITÃO, J. A. Fotografia em tempos de confinamento. **XX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – INTERCOM**, Anais, p. 1-13, 2020.
- LYNTERIS, C. The Prophetic Faculty of Epidemic Photography: Chinese Wet Markets and the Imagination of the Next Pandemic. **Visual Anthropology**, v. 29, n. 2, p. 118–132, 2016.
- MARTINS, J.; SILVA, A C. Experiências do Curso de Comunicação Institucional durante a Pandemia por Coronavírus: Ações Desenvolvidas. **43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – INTERCOM**, Anais, p. 1-15, 2020.
- MBEMBE, A. **Necropolítica:** biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte. São Paulo: n-1 edições, 2018.
- MEIRINHO, D. Exclusão digital e fotografia: apropriações e utilizações dos equipamentos de captação da imagem. **Visualidades**, v. 8, n. 2, 2010.
- OLLIER, C. **Paysage cosa mentale, le renouvellement de la notion de paysage à travers la photographie contemporaine.** Editions Loco 2013.
- POIVERT, M. A fotografia contemporânea tem uma história?. **Palíndromo**, v. 7, n. 13, p. 134-142, 2015.
- REY, S; CHIRON, E. O íntimo, o privado, o público na arte contemporânea. **PORTO ARTE - Revista de Artes Visuais**, v. 22, n. 37, 2017.
- ROUILLÉ, A. **A Fotografia:** entre documento e arte contemporânea. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2009.
- SCHNEIDER, G.; BENIA, R. Imagens de um tempo suspenso: dramaturgia do não-acontecimento nas fotografias contemplativas da pandemia. **INTERIN**, v. 25, n. 2, 2020.
- SOARES, N. **O íntimo na fotografia contemporânea:** narrativa no processo criativo fotográfico. 130 f. Centro de Artes, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2015.
- SONTAG, S. **Sobre fotografia.** São Paulo: Publicações Dom Quixote, 1986.